

www.autoresespiritasclassicos.com



ARTIGOS
DOCTRINÁRIOS
ESPÍRITAS

Artigos Espíritas

Ectoplasma

Arthur Conan Doyle - História do Espiritismo

18

Ectoplasma

Desde os primeiros dias, os espíritas têm sustentado que há uma base física material para os fenômenos. Na incipiente literatura espírita encontram-se centenas de vezes as descrições de um denso vapor semiluminoso, que flui do lado ou da boca do médium e é fracamente visível no escuro. Tinham ido mais longe: observaram como esse vapor às vezes se solidifica numa substância plástica, de que são feitas as várias estruturas na sala da sessão.

Uma observação científica mais rigorosa apenas confirmou o que esses pioneiros haviam verificado.

Para citar alguns exemplos: o Juiz Peterson declara que em 1877 viu com o médium W. Lawrence “uma nuvem floclulenta”, que parecia sair do lado do médium e que, gradativamente, formava um corpo sólido.ⁱ

Também fala de uma figura surgindo de “uma bola de luz”. James Curtis viu com Slade, na Austrália, em 1878, “uma como que nuvem de vapor branco-acinzentado” se formando e aumentando, antes do

aparecimento de uma figura inteiramente materializada. Alfred Russel Wallace descreve ter visto com o Doutor Monck, primeiro “uma mancha branca” que gradativamente se transformou numa “coluna nevoenta”. Essa mesma expressão é usada por Mr. Alfred Smedley, em relação a uma aparição com o médium Williams, quando John King se manifestou; fala também de “uma nuvem fracamente iluminada”. Com o médium D. D. Home, Sir William Crookes viu “uma nuvem luminosa”, que se condensou numa mão perfeita. Mr. E. A. Brackett viu com a médium Helen Barry, em 1885, nos Estados Unidos, “uma pequena substância branca, como uma nuvem”, que se expandiu até ficar com quatro a cinco pés de altura “quando de súbito dela saiu a forma total, sólida, como uma sílfide, de Berthri”.ⁱⁱ

Mr. Edmund Dawson Rogers, descrevendo uma sessão com Eglinton, em 1885, diz ter visto surgir do lado do médium “uma substância esbranquiçada e fumacenta”, que oscilava e pulsava. Mr. Vincent Turvey, o conhecido sensitivo de Bournemouth, fala de uma “substância vermelha, viscosa”,ⁱⁱⁱ saindo do médium. Um particular interesse é ligado a uma descrição dada pela maravilhosa médium de materializações, Madame d’Esperance, que diz: “Parecia-me sentir que fios muito finos me saíam pelos poros da pele.”^{iv}

Isto tem um importante contacto com as pesquisas do Doutor Crawford e suas observações sobre os “bastões psíquicos” e a matéria como esporos. Também encontramos em *The Spiritualist* que, quando o Espírito materializado de Katie King se manifestava através de Miss Florence Cook era ligado à médium por meio de fios nevoentos e fracamente luminosos”.^v

Para contrabalançar essas referências abreviadas, vamos dar em detalhe três experiências da formação de ectoplasma. Um dos assistentes do grupo de Madame d’Esperance, deu a seguinte descrição:

“Primeiro foi observada no chão, em frente à cabine, uma mancha como uma fita nevoenta e esbranquiçada. Aumentou gradualmente, estendendo-se visivelmente como se fosse uma mancha animada de musselina, jazendo camada sobre camada no chão, até se estender por cerca de três pés e com uma profundidade de algumas polegadas – talvez

seis ou mais. Então começou a se erguer lentamente, mais ou menos ao centro, como se uma cabeça estivesse por baixo, ao passo que a fita nevoenta no chão começou a parecer mais com musselina caindo em dobras junto da porção que se erguia misteriosamente. Depois atingiu dois pés ou um pouco mais e parecia que uma criança estava debaixo dela, movendo os braços em todas as direções, como se por baixo estivesse manipulando alguma coisa. Continuava a se erguer, por vezes mergulhando um pouco para novamente se erguer mais, até atingir uma altura de cinco pés, quando sua forma pôde ser vista como se arranjando as dobras do panejamento em redor de sua forma. Então os braços se ergueram consideravelmente acima da cabeça e se abriram através de uma massa nebulosa de um panejamento espiritual, e Yolanda se apresentou desvelada, graciosa e bela, com cerca de cinco pés de altura, com uma espécie de turbante na cabeça, do qual caíam sobre os ombros e as costas seus longos cabelos negros... O excesso de panejamento esbranquiçado se compôs em redor dela ou projetou-se no tapete, até ser utilizado novamente. Tudo isto se realizou em cerca de quinze minutos”.^{vi}

O segundo relato é de Mr. Edmund Dawson Rogers.^{vii}

Diz que na sessão exclusiva de Mr. Eglinton havia catorze pessoas presentes, todas bem conhecidas e que havia luz suficiente para permitir que o escrevente do relatório “observasse bem a todos e a tudo na sala” e quando a “forma” ficou à sua frente ele era “perfeitamente capaz de notar todos os detalhes”. Em estado de transe Mr. Eglinton passeou pela sala, entre os assistentes, durante cinco minutos, e então...

“Começou delicadamente a tirar de seu lado e a atirar em ângulo reto uma substância fumacenta e esbranquiçada, que caía á sua esquerda. A massa de matéria branca no chão ia aumentando de largura, começou a pulsar e a se mover para cima e para baixo, oscilando para um lado e para o outro, como se a força motora estivesse por baixo. A massa cresceu até três pés de altura e logo depois a forma cresceu rapidamente, silenciosamente até a plena estatura. Por um rápido movimento das mãos Mr. Eglinton separou o material branco que cobria a cabeça da forma e aquele caiu para trás, sobre os ombros, tornando parte da indumentária

do visitante, O laço de ligação – o fio esbranquiçado que saía do lado do médium – foi cortado ou se tornou invisível, e a forma avançou para Mr. Everitt, deu-lhe um aperto de mão e correu todo o círculo, tratando cada um da mesma maneira”.

Isto aconteceu em Londres, em 1885.

A última descrição é de uma sessão em Argel, em 1905, com Eva C., então conhecida como Marthe Béraud. Assim descreve Madame 10^o:^{viii}

“Marthe estava só na cabine, nessa ocasião. Depois de esperar cerca de vinte minutos, ela mesma abriu completamente a cortina e sentou-se em sua cadeira. Quase imediatamente – estando Marthe bem à vista dos assistentes, suas mãos, a cabeça e o corpo bem visíveis – vimos uma coisa branca, de aparência disforme, se formando junto a ela. A princípio parecia uma grande mancha nevoenta perto do cotovelo direito de Marthe e parecia ligada a seu corpo. Era muito móvel e crescia rapidamente para cima e para baixo, assumindo finalmente uma aparência de certo modo amorfa de uma coluna nevoenta, que ia desde cerca de dois pés acima da cabeça de Marthe até os seus pés. Não me era possível distinguir nem as mãos nem a cabeça; o que eu via era semelhante a nuvens brancas e floculentas, de brilho variável, que se iam condensando gradualmente, e se concentrando como que em redor de um corpo para mim invisível”.

Eis um relato que se pode comparar de modo maravilhoso com os que foram citados, de sessões realizadas há muitos anos.

Quando examinamos as descrições do aparecimento de ectoplasma em grupos espíritas há quarenta ou cinquenta anos, e as comparamos com o que ocorre em nossos dias, vemos como os primeiros resultados eram mais ricos. Os métodos não científicos estavam em voga, conforme o ponto de vista de muitos modernos investigadores do psiquismo. Contudo, os primeiros investigadores pelo menos observaram uma regra de ouro. Cercavam o médium de uma atmosfera de amor e simpatia. Discutindo as primeiras manifestações ocorridas na Inglaterra, diz *The Spiritualist*, num artigo de fundo:^{ix}

“A influência do estado espiritual dos observadores encontra uma expressão ótica nas sessões de materializações. A gente mundana e

suspeitosa consegue as manifestações mais fracas; então os Espíritos por vezes têm apenas uma expressão, como de costume, quando a força é pouca.

Isto é singularmente exato como descrição de muitos rostos em sessões com Eva C.

A gente espírita, em cuja presença os médiuns se sentem muito felizes, vêm muito mais e melhores manifestações... Conquanto os fenômenos espíritas sejam regidos por leis fixas, aquelas leis funcionam de certa maneira na prática que, inquestionavelmente, o Espiritismo assume mais o caráter de uma relação especial para gente escolhida”.

Mr. E. A. Brackett, autor do notável livro “Materialized Apparitions”,^x exprime a mesma verdade por outras palavras. Aliás o seu ponto de vista excita a ironia dos chamados círculos científicos, mas encerra uma verdade profunda. É antes o espírito de suas palavras do que a sua significação literal que ele quer exprimir:

“A chave que abre as portas de uma outra vida é pura afeição, simples e confiada como aquela que leva a criança a atirar os braços em redor do pescoço de sua mãe. Para aqueles que se prezam acima de seu alcance espiritual, isto pode parecer uma submissão àquilo a que chamam faculdades mais altas. Neste caso posso dizer verdadeiramente que enquanto adotei essa atitude, sinceramente ou sem reservas, nada aprendi a respeito dessas coisas. Em vez de obumbrar a minha razão e o meu raciocínio, isso abriu a minha mente a uma percepção mais clara e mais inteligente do que ocorria à minha frente. Esse espírito de delicadeza, de bondade amorosa que, mais do que qualquer outra coisa, coroa de eterna beleza os ensinamentos do Cristo, deveria encontrar completa expressão em nosso contacto com aqueles seres.”

Se alguém, ao ler esta passagem, pensasse que o autor era um pobre maluco fanático, sobre o qual qualquer médium desonesto pudesse impor-se facilmente, um relance sobre o seu excelente livro provaria o contrário imediatamente.

Além disso o seu método deu resultados. Estava ele lutando com a dúvida e a perplexidade quando, a um terno conselho de um Espírito materializado, decidiu pôr de lado toda a reserva “e saudar essas formas

como queridos amigos mortos, que tinham vindo de longe e tinham lutado para chegar a mim”. A mudança foi instantânea.

“Desde aquele instante as formas, às quais parecia faltar vitalidade, tornaram-se animadas de uma força maravilhosa. Eles avançaram para me cumprimentar; braços delicados me enlaçaram; formas que tinham sido quase mudas durante a minha investigação agora falavam livremente; rostos que tinham revestido mais o aspecto de máscara, do que de vida real, agora irradiavam, beleza. Aquilo que se dizia minha sobrinha... cumulou-me de demonstrações de carinho. Lançando os braços em redor de mim e debruçando a cabeça sobre o meu ombro, olhou para cima e disse: “Agora podemos vir tão perto do senhor!”

Foi uma pena que Eva C. não tivesse tido uma oportunidade de exhibir seus dons numa atmosfera amorosa, numa sessão à velha moda espírita. É muito provável que o resultado tivesse sido muito diverso quanto às materializações. Como prova disso, Madame Bisson, numa íntima sessão particular com ela, obteve maravilhosos resultados, jamais alcançados através dos métodos desconfiados dos investigadores científicos.

O primeiro médium de materializações que se pode dizer que tenha sido investigado com cuidados científicos foi essa moça Eva, ou Eva C., como é geralmente chamada, pois seu nome era Carriere. Em 1903 foi examinada numa série de sessões em Villa Carmen, em Argel, pelo Professor Charles Richet; e foi a sua observação desse material esbranquiçado, que parecia sair do médium, que o levou a cunhar o vocábulo “ectoplasma”. Eva tinha então dezenove anos e estava no auge de suas forças, que foram gradativamente minadas por longos anos de investigação sob constrangimento. Tentaram pôr em dúvida os resultados constatados por Charles Richet, pretendendo que as figuras materializadas eram, na verdade, um disfarce doméstico; mas a resposta final foi que as experiências tinham sido realizadas a portas fechadas e que semelhantes resultados tinham sido obtidos muitas vezes. É uma justiça poética pensar que o Professor Richet tenha sido submetido a essa crítica deselegante e deprimente, porque em seu grande livro “Trinta Anos de Pesquisas Psíquicas”, é ele ainda mais deselegante para com os médiuns, acreditando em cada história para seu descrédito e agindo

continuamente de acordo com o princípio de que ser acusado é o mesmo que ser condenado.

Em seu primeiro relatório, publicado em “Anais da Ciência Psíquica”, Richet descreve minuciosamente a aparência com o médium Eva C., da forma materializada de um homem que dizia chamar-se “Bien Boa”. Diz o Professor que essa forma possuía todos os atributos de vida. “Anda, fala, move-se e respira como um ser humano. O corpo é resistente e tem uma certa força muscular. Nem é uma figura de gesso, nem uma boneca ou uma imagem refletida num espelho; é um ser vivo; é um homem vivo; e há razões para resolutamente pôr de lado qualquer outra suposição que uma ou outra dessas hipóteses – de que seja um fantasma com atributos de vida; ou de que seja uma pessoa viva, fazendo o papel de um fantasma”.^{xi}

Ele discute minuciosamente as suas razões para afastar a possibilidade de ser um caso de desdobramento da personalidade.

Descrevendo o desaparecimento da forma, diz ele:

“Bien Boa procura, segundo me parece, vir ao nosso meio, mas anda coxeando e hesitante. Não poderia dizer se ele anda ou desliza. Em certa ocasião escorrega e quase cai, mancando como se a perna não pudesse suportá-lo. (Dou a minha própria impressão). Então se encaminha para a abertura da cortina e subitamente mergulha, desaparecendo no chão; ao mesmo tempo ouve-se um “clac! clac!” como o ruído de um corpo atirado no chão.”

Enquanto isto acontecia, a médium era vista perfeitamente na cabine por um outro assistente, Gabriel Delanne, editor da Revue du Spiritisme.

Continua Richet:

“Pouco tempo depois, – dois ou três minutos – bem aos pés do General, à abertura da cortina, vemos novamente a mesma bola branca – a sua cabeça? – no chão. Sobee rapidamente, quase vertical, atinge a altura de um homem, então de súbito cai no chão, com o mesmo barulho de ‘clac! clac!’ de um corpo que cai no chão. O General sentiu o choque dos membros que, caindo, bateram violentamente em suas pernas.”

O súbito aparecimento e desaparecimento parecia tanto uma ação através de uma porta falsa que no dia seguinte Richet fez minuciosa observação nos ladrilhos do piso, bem como no teto da garagem que ficava embaixo, mas não encontrou o mais leve indício de uma porta falsa. Para afastar os rumores de sua existência obteve posteriormente um certificado do arquiteto.

O interesse desses registros das primeiras manifestações aumentou pelo fato de que, ao tempo, a médium obtinha materializações completas, enquanto posteriormente, em Paris, estas eram extremamente raras em suas sessões.

Uma curiosa experiência com Bien Boa foi tentar que ele soprasse num frasco contendo uma solução de barita, para ver se a respiração mostrava óxido de carbono. Com dificuldade a forma fez o que lhe pediam e o líquido mostrou a reação esperada. Durante essa experiência as formas da médium e de uma nativa que se sentava com ela na cabine foram vistas claramente.

Richet registra um incidente divertido durante essa experiência. Quando a solução de barita se tornou branca, os assistentes gritaram “Bravo! “, com o que a forma de Bien Boa apareceu três vezes à abertura da cortina, curvou-se como um ator no teatro, ao ser chamado à cena.

Richet e Delanne tomaram muitas fotografias de Bien Boa, as quais são descritas por Sir Oliver Lodge como as melhores que ele tinha visto no gênero. Uma particularidade interessante a esse respeito é que um braço da médium se apresenta achatado, indicando um processo de desmaterialização tão bem observado com outra médium, Madame d’Esperance. Richet observa com muita finura:^{xii}

“Não receio dizer que o vazio da manga, longe de demonstrar a presença de uma fraude, ao contrário estabelece que não houve fraude; também que isto parece depor em favor de uma espécie de desagregação material da médium, que ela própria era incapaz de suspeitar.”

Em seu último livro, já referido, Richet publica pela primeira vez a história de uma esplêndida materialização a que ele próprio assistiu em Villa Carmen.

“Quase no mesmo momento em que as cortinas foram baixadas, foram reabertas e entre elas apareceu o rosto de uma mulher jovem e bonita, com uma espécie de fita dourada ou diadema, cobrindo seu bonito cabelo e o alto da cabeça. Ria gostosamente e parecia muito satisfeita; ainda me recordo perfeitamente de seu riso e das pérolas que eram os seus dentes.

“Apareceu duas ou três vezes, mostrando a cabeça e escondendo-a, como uma criança brincando de esconde-esconde”.

Pediram-lhe que trouxesse uma tesoura no dia seguinte, quando lhe permitiriam cortar uma mecha de cabelos dessa rainha egípcia, como era ela chamada. E assim aconteceu.

“A rainha egípcia voltou mas só mostrou a coroa de sua cabeça com cabelos muito bonitos e abundantes; estava ansiosa por saber se eu tinha trazido a tesoura. Então tomei uma mão-cheia de seus longos cabelos, mas dificilmente lhe podia ver o rosto, que ela escondia por detrás da cortina. Quando eu ia cortar uma longa mecha, uma mão firme, por detrás da cortina, baixou a minha, de modo que apenas cortei uma ponta de quinze centímetros. Mas como eu demorasse para fazer isso, ela disse em voz baixa: “Depressa, depressa!” e desapareceu. Eu havia tomado a mecha; o cabelo é muito fino, sedoso e vivo. O exame microscópico mostrou que era cabelo autêntico; e me informam que um postigo daqueles custaria uns mil francos. O cabelo de Marthe é muito escuro e ela os corta bem curtos”.^{xiii}

Cabe aqui uma referência àquilo a que o Professor Richet denomina “histórias de jornais ignóbeis”, de uma suposta confissão de fraude pela médium e ainda a informação de um cocheiro árabe, empregado pelo General Noel, que teria representado o papel de Espírito em Vila Carmen. Em relação a este último, a verdade é que jamais foi ele admitido na sala das sessões; e quanto a ela, negou publicamente a acusação. Observa Richet que, ainda quando verdadeira a acusação, os pesquisadores psíquicos estavam advertidos do valor que deviam emprestar a tais revelações, que apenas mostram a instabilidade dos médiuns.

Assim resume Richet:

As materializações produzidas por Marthe Béraud têm a mais alta importância. Apresentaram numerosos fatos que ilustram o processo geral das materializações, e forneceram à ciência metapsíquica dados inteiramente novos e imprevistos.”

Eis o seu raciocinado julgamento final.

A primeira investigação sistemática e prolongada do ectoplasma foi empreendida por uma senhora francesa, Madame Bisson, viúva de Adolphe Bisson, conhecido homem público.

É possível que Madame Bisson venha a ocupar um lugar ao lado de sua compatriota Madame Curie nos anais da ciência. Madame Bisson adquiriu considerável influência sobre Eva que, após as experiências de Argel, tinha sido vítima das costumeiras perseguições.

Tomou-a aos seus cuidados e proveu-a de tudo. Então começou uma série de experiências que duraram cinco anos e que produziram resultados tão sólidos que no futuro, não uma ciência, mas várias, marcarão daí a sua origem. Nessas experiências associou-se com o Doutor Schrenck Notzing, um cientista alemão de Munique, cujo nome também será imperecível, no que se relaciona com a original investigação do ectoplasma. Seus estudos se realizaram entre 1908 e 1913 e se acham registrados em seu livro “Os Chamados Fenômenos de Materialização” e em “Fenômenos de Materialização”, de Schrenck Notzing, ambos em francês, e este último vertido para o inglês.

Seu método consistia em fazer Eva C. mudar toda a roupa, sob controle, e vestir uma espécie de camisola sem botões, e fechada pelas costas. Apenas as mãos e os pés ficavam livres. Assim era levada para a sala de experiências, onde não entrava senão nessa ocasião.

Numa das extremidades da sala havia um recanto fechado por cortinas, por detrás, pelos lados e por cima, mas aberto pela frente. Isto era chamado a cabine e a sua finalidade era concentrar os vapores de ectoplasma.

Descrevendo os seus resultados conjugados, diz o cientista alemão: “Muitas vezes fomos capazes de verificar que, por um processo biológico desconhecido, vem do corpo da médium um material, a

princípio semifluido, que possui algumas das propriedades da substância viva, principalmente a do poder de transformação, de movimento e de aquisição de formas definidas”. E acrescenta: “Poderia duvidar-se da verdade desses fatos, se os mesmos não tivessem sido verificados centenas de vezes no curso de laboriosos ensaios sob variadas e estritas condições”. Poderia haver, no que diz respeito a essa substância, mais completa vingança para os Espíritas que, durante duas gerações suportaram o ridículo do mundo? Schrenck Notzing termina o seu digno prefácio exortando os seus companheiros de trabalho a tomarem coragem. “Não permitais o desencorajamento nos vossos esforços para abrir um novo domínio à ciência, nem pelos ataques malucos, nem pelas calúnias covardes, nem pela falsificação dos fatos, nem pela violência dos malévolos ou por qualquer espécie de intimidação. Avançai sempre pelo caminho que abristes, tendo em mente aquelas palavras de Faraday: “Nada é demasiado maravilhoso para ser verdadeiro.

Os resultados estão entre os mais notáveis de todas as investigações de que temos notícia.

Foi verificado por numerosas testemunhas competentes e confirmado por fotógrafos que da boca, dos ouvidos, do nariz, dos olhos e da pele dos médiuns fluía esse extraordinário material gelatinoso. As figuras são estranhas e repulsivas; mas muitos dos processos da Natureza assim se apresentam aos nossos olhos. A gente pode ver essa coisa como filamentos viscosos, como água de súbito congelada, pendente do queixo, caindo pelo corpo, formando um avental branco ou se projetando sem forma pelos orifícios da face. Quando tocada, ou quando uma luz inadequada a atinge, ela se recolhe tão rapidamente e tão maravilhosamente quanto os tentáculos de um polvo invisível. Se agarrada e apertada, o médium gritará. Ela sai pelas roupas e some de novo, quase sem deixar traços. Com o consentimento do médium foi cortada uma pequena porção. Dissolveu-se na caixa em que foi colocada, como se fosse neve, deixando umidade e algumas células que poderiam provir de um fungo. O microscópio demonstrou células epiteliais da membrana mucosa, das quais a coisa parecia originar-se.

A produção desse estranho ectoplasma basta, por si só, para tornar essas experiências revolucionárias e marcantes de uma época, mas o que se segue é demasiado estranho e responderá à pergunta que se ergue na mente do leitor: “Que tem tudo isso que ver com os Espíritos?” Por mais incrível que isto possa parecer, depois de se formar, essa substância começa, nalguns médiuns – Eva entre estes – a tomar formas definidas e essas formas são membros humanos, são rostos, a princípio vistos em duas dimensões, mas depois se modelando nos contornos até se tornarem destacados e completos. Muitíssimas fotografias mostram esses estranhos fantasmas, por vezes muito menores do que na vida real. Algumas dessas faces talvez representem pensamentos – formas do cérebro de Eva, tornando-se visíveis e uma clara semelhança foi notada entre algumas delas e retratos que ela deve ter visto e cujos traços teria conservado na memória. Uma, por exemplo, parece um Presidente Wilson muito janota, de bigodes, enquanto outra parece uma reprodução feroz de Mr. Poincaré. Uma delas mostra a palavra “Miroir” (Espelho) impressa na cabeça da médium, que alguns críticos pretendem que ela tivesse surrupiado do jornal daquele nome, a fim de o exibir, muito embora não expliquem qual teria sido o objetivo. Sua própria explicação é que, de algum modo os guias fizeram o transporte daquela legenda, possivelmente para despertar a idéia de que aqueles rostos e aquelas figuras não são os seus seres reais, mas como se fossem vistos através de um espelho.

Mesmo assim o leitor não descobre uma óbvia conexão com o Espiritismo; mas na etapa seguinte todos vemos o caminho. Quando Eva se acha em sua melhor disposição – o que só se verifica em longos intervalos e à custa de sua saúde – formam-se figuras completas; estas são modeladas à semelhanças de pessoas mortas; o cordão que as liga à médium parte-se; a personalidade que é ou pretende ser a de um morto toma posse da figura e um sopro de vida passa pela imagem de tal maneira que ela se move, fala e exprime as emoções do Espírito. As últimas palavras de Mr. Bisson dizem isto: “Desde que se iniciaram estas sessões – e em numerosas ocasiões – o fantasma se mostrou todo inteiro, saiu da cabine, começou a falar e aproximou-se de Madame Bisson, que beijou no rosto, O som desse beijo foi audível”.

Porventura já houve mais estranho desfecho de uma investigação científica? Ela pode ilustrar como é impossível, mesmo para o mais esperto materialista, encontrar qualquer explicação para tais fatos de acordo com as suas teorias. A única que Mr. Joseph Mc Cabe, em seu recente debate público, pôde apresentar, foi a de um caso de vômitos dos alimentos.

Parece que ele não se apercebeu de que um véu cobria o rosto do médium nalgumas experiências, sem obstar no mínimo o fluxo do ectoplasma.

Conquanto controlados de todos os modos possíveis, esses resultados são tão admiráveis que o investigador tinha o direito de manter o seu julgamento em suspenso até que os mesmos fossem confirmados. Mas isto já o foi inteiramente. O Doutor Schrenck Notzing voltou a Munique e aí teve a grande sorte de encontrar outra médium, uma senhora polonesa, que possuía a faculdade de materializações. Com ela fez uma série de experiências que relatou no já mencionado livro. Trabalhando com Stanislawa, a médium polonesa, e adotando os mesmos rigorosos métodos que nas de Eva, conseguiu exatamente os mesmos resultados.

Seu livro supera o de Madame Bisson, por isso que, relatando as experiências de Paris, dá uma parte mais importante, que é a sua confirmação fornecida pelas experiências de controle, feitas no verão de 1912, em Munique. As várias fotografias do ectoplasma dificilmente se distinguem das já obtidas. Assim, a hipótese de uma fraude preparada por Eva, conduz à mesma fraude por parte de Stanislawa. Muitos observadores alemães controlaram essas sessões.

Seguindo os métodos alemães, Schrenck Notzing foi mais a fundo no assunto do que Madame Bisson. Obteve cabelos de uma forma materializada e os comparou microscopicamente com os cabelos de Eva (ocorrência verificada na série de ensaios na França) mostrando que não podiam ser da mesma pessoa. Também deu os resultados do exame químico de uma certa porção de ectoplasma, que foi reduzida a cinzas, com o cheiro de chifre queimado. Entre os seus elementos constituintes foram encontrados cloreto de sódio (sal de cozinha) e fosfato de cálcio.

Finalmente obtive a filmagem do ectoplasma fluindo da boca da médium. Parte de tudo isto é reproduzida em seu livro.

Deve-se explicar que, enquanto a médium estivesse em transe durante essas experiências, de modo algum ficava inanimada: uma outra personalidade parecia empolgá-la, e que poderia ser tomada como uma de suas individualidades secundárias, ou uma momentânea obsessão externa. Essa personalidade costumava referir-se à médium com severidade, dizendo a Madame Bisson que era preciso disciplina e que ela devia mantê-la em trabalho.

Ocasionalmente essa personalidade dava sinais de clarividência, explicando corretamente, por exemplo, o que tinha ocorrido com um aparelho elétrico que havia deixado de funcionar. Um contínuo acompanhamento de gemidos e protestos do corpo de Eva parece que eram puramente animais e independentes de sua inteligência.

Os resultados foram corroborados uma vez mais pelo Doutor Gustave Geley, cujo nome viverá para sempre nos anais das pesquisas psíquicas. O Doutor Geley era um pesquisador geral em Annecy, onde cumpria as elevadas promessas que havia feito em sua vida acadêmica em Lyon. Foi atraído pela ciência nascente e foi sabiamente nomeado por Mr. Jean Meyer diretor do Instituto de Metapsíquica. Seu trabalho e os seus métodos serão sempre um exemplo para os continuadores, pois cedo mostrou que não só era um experimentador genial e um observador rigoroso, como um profundo pensador e filósofo. Seu grande livro “Do Inconsciente ao Consciente” certamente resistirá ao teste do tempo. Foi assaltado pelos costumeiros mosquitos humanos, que aborrecem os primeiros pioneiros que avançam pela floresta virgem do pensamento. Mas os enfrentou com bravura e bom humor.

Sua morte foi súbita e trágica. Tinha estado em Varsóvia e conseguido algumas novas moldagens ectoplásmicas com o médium Kluski. Infelizmente o avião em que viajava espatifou-se e Geley morreu. Foi uma perda irreparável para a ciência psíquica.

A comissão do Instituto de Metapsíquica, que era reconhecida pelo Governo Francês como de utilidade pública, incluía o Professor Charles Richet; o Professor Santol, ministro da Saúde Pública da Itália; o Conde

de Grammont, do Instituto de França; o Doutor Calmette, Inspetor-Geral médico; o Senhor Camille Flammarion, o Senhor Jules Roche, ex-ministro de Estado; o Doutor Treissier, do Hospital de Lyon; tendo o Doutor Gustave Geley como diretor. Entre estes posteriormente tinham sido incorporados à comissão: Sir Oliver Lodge, o Professor Bozzano e o Professor Leclainche, membro do Instituto de França e Inspetor Geral dos Serviços Sanitários do Ministério da Agricultura. O Instituto está equipado com um bom laboratório para pesquisas psíquicas e tem uma biblioteca, uma sala de leitura e salões de recepção e conferências. Os trabalhos realizados são publicados na sua revista, denominada *La Revue Métapsychique*.

Um aspecto importante da atividade do Instituto tem sido o convite a eminentes homens públicos em ciência e em literatura para testemunharem as investigações metapsíquicas que se realizam. Mais de cem destes homens têm tido provas em primeira mão e, em 1923, trinta deles, inclusive dezoito médicos de destaque, assinaram e permitiram que fosse publicada uma declaração de sua crença na autenticidade das manifestações assistidas sob rigoroso controle.

Certa vez o Doutor Geley realizou uma série de sessões com Eva, convidando cem homens de ciência para que testemunhassem uma ou outra sessão. Tão rigorosos eram os seus testes que ele pôde proclamar: “Não direi apenas que não há fraudes. Direi que não há possibilidade de fraudes”. Novamente percorreu o antigo caminho e obteve os mesmos resultados, a não ser que em suas experiências o fantasma tomava formas femininas, por vezes belas e, como ele próprio garantiu ao autor, para ele desconhecidas. Podem ser pensamentos-formas de Eva, pois em nenhum de seus resultados registrados conseguiu um Espírito absolutamente vívido. Havia, porém, o suficiente para que o Dr. Geley dissesse:

“Aquilo que vimos mata o materialismo. Já não há mais lugar para ele no mundo”. Refere-se ele, assim, ao velho materialismo clássico do período vitoriano, para o qual o pensamento era uma secreção da matéria. Todas as novas provas apontam a matéria como uma resultante do pensamento. É somente quando se pergunta de quem é o pensamento que se cai num terreno de debate.

Depois de suas experiências com Eva, o Dr. Geley conseguiu resultados ainda mais maravilhosos com Frank Kluski, um polonês, com o qual as formas ectoplásmicas eram tão sólidas que era possível tirar moldagens de suas mãos em parafina. Essas luvas de parafina, que são exibidas em Londres,^{xiv} são tão pequenas no pulso que a mão não poderia passar pela abertura sem romper o molde. Só poderia ter sido feita por desmaterialização – qualquer outro meio seria impossível. Essas experiências foram dirigidas por Geley, Richet e o Conde de Graminont, três homens competentíssimos. Uma descrição mais detalhada destas e de outras moldagens, tiradas de figuras ectoplásmicas, se acha adiante, no Capítulo XX. São muito importantes, por serem as mais permanentes e inegáveis provas, jamais obtidas dessas estruturas. Até agora nenhuma crítica racional lhes foi feita.

Outro médium polonês, chamado Jean Guzik, foi examinado em Paris, no Instituto, pelo Dr. Geley. As manifestações consistiam em luzes, mãos e rostos ectoplásmicos. Sob o mais severo controle, trinta e quatro pessoas distintas de Paris, muitas das quais inteiramente cépticas, afirmaram, depois de longa e minuciosa investigação, a sua crença na autenticidade dos fenômenos observados com esse médium. Entre elas se achavam membros da Academia Francesa, da Academia de Ciências, da Academia de Medicina, doutores em medicina e em direito e técnicos de polícia.

O ectoplasma é a mais protéica das substâncias e pode manifestar-se de muitas maneiras e com propriedades variadas. Isso foi demonstrado pelo Doutor W. J. Crawford, Professor de Engenharia Mecânica na *Queen's University*, de Belfast. Dirigiu uma importante série de experiências de 1914 a 1920, com a médium Kathleen Goligher. Fez o seu relato em três livros, que são: “The Reality of Psychic Phenomena” (1917), “Experiments in Psychical Science”, em 1910 e “The Psychic Structures at the Goligher Circle” em 1921.^{xv}

O Doutor Crawford morreu em 1920, mas deixou um monumento imperecível nesses três livros de original pesquisa experimental que, provavelmente, fizeram tanto para colocar a ciência psíquica numa base sólida quanto quaisquer outros trabalhos no gênero.

Para entendermos completamente as conclusões a que chegou, seus livros devem ser lidos; mas aqui diremos resumidamente que ele demonstrou que a levitação da mesa, as batidas no chão e o movimento dos objetos na sala das sessões eram devidos à ação das “alavancas psíquicas”, ou, conforme passou a designá-las em seu último livro, às “estruturas psíquicas”, que emanavam do corpo da médium. Quando a mesa é levitada, essas alavancas são operadas em dois sentidos. Se a mesa for leve, a alavanca ou estrutura não toca no solo, mas é “um modilhão fixado firmemente no corpo da médium por uma extremidade e suspendendo a superfície inferior ou as pernas da mesa, pela extremidade livre”. No caso de uma mesa pesada, a reação, em vez de ser aplicada na médium, o é no piso da sala, formando uma espécie de suporte entre a face inferior da mesa levitada e o piso. A médium foi colocada numa balança e, quando a mesa era levitada, observava que ela aumentava de peso.

O Doutor Crawford apresenta esta interessante hipótese para o processo de formação de ectoplasma no grupo. É preciso entender-se que o que ele chama “operadores” são os Espíritos que trabalham controlando os fenômenos.

“Os operadores atuam no cérebro dos assistentes e, pois, em seu sistema nervoso. Pequenas partículas, mesmo moléculas, são expelidas do sistema nervoso dos corpos dos assistentes, pelos punhos, pelas mãos, pelos dedos ou por outras partes. Essas pequenas partículas, agora livres, têm uma enorme quantidade de força latente, que lhes é inerente, uma energia que pode reagir em qualquer sistema nervoso humano com o qual se ponham em contacto. Essa corrente de partículas energizadas flui em torno do grupo, talvez pela periferia de seus corpos. Pelo aumento gradativo produzido pelos assistentes, a corrente alcança o médium num alto grau de tensão, energiza o médium, de quem recebe incremento, atravessa novamente o círculo e assim por diante. Finalmente quando a tensão é bastante grande, cessa o processo circulatório e as partículas energizadas se reúnem, ou são ligadas ao sistema nervoso do médium, que então dispõe de um reservatório onde a buscar. Tendo assim um bom suprimento de energia adequada ao seu dispor, como, por exemplo,

energia nervosa, podem atuar sobre o corpo do médium, que é de tal modo constituído que enorme quantidade de matéria de seu corpo, por meio da tensão nervosa que lhe é aplicada, pode ser então destacada temporariamente da sua posição normal e projetada na sala da sessão.”
xvi

Esta será, provavelmente, a primeira tentativa de uma explicação clara do que ocorre numa sessão de fenômenos físicos, e é possível que descreva com muita precisão aquilo que realmente ocorre. No seguinte resumo o Doutor Crawford faz uma importante comparação entre as primeiras e as últimas manifestações psíquicas e ainda enuncia uma audaciosa mas compreensível teoria para todos os fenômenos psíquicos:

“Comparei aquela matéria esbranquiçada e semelhante a uma nuvem, quanto à estrutura, com fotografias de fenômenos de materialização em vários estágios e obtidos com muitos médiuns, diferentes em todo o mundo. Cheguei à conclusão de que esse material é muito semelhante, senão idêntico ao material usado em tais fenômenos de materializações.

“De fato, não é fora de propósito considerar esse material esbranquiçado, translúcido e nebuloso como a base de todos os fenômenos psíquicos de ordem física. Sem ele, até certo ponto não é possível qualquer fenômeno físico. É ele que dá consistência às estruturas de toda sorte erigidas pelos operadores nas câmaras de sessões; é ele que, quando convenientemente manipulado e aplicado, permite que as estruturas se ponham em contacto com as formas ordinárias da matéria que nos são familiares, ainda que tais estruturas sejam semelhantes àquelas a que me refiro particularmente, ou quando sejam materializações de formas corpóreas, como mãos ou rostos. Além disso, parece-me que essa matéria será, eventualmente, a base de estruturas aparentemente construídas para a manifestação daquela forma particular de fenômeno conhecido como Voz Direta, enquanto que os fenômenos ditos Fotografia de Espíritos também parecem ter a mesma base”.^{xvii}

Enquanto Crawford trabalhava com as alavancas ectoplásmicas em Belfast, o Doutor Geley controlava os resultados obtidos de Eva C. por

uma nova série de experiências. Assim resume ele as suas observações sobre os fenômenos observados:

“Uma substância emana do corpo da médium; exterioriza-se; é amorfa ou polimorfa à primeira vista. Essa substância toma várias formas, mas em geral mostra órgãos mais ou menos compostos. Podemos distinguir:

1. a substância como um trato da materialização;
2. seu desenvolvimento organizado.

“Seu aparecimento em geral é anunciado pela presença do fluído, como flóculos esbranquiçados e luminosos, que vão desde o tamanho de uma ervilha até o de uma moeda de cinco francos e distribuídos aqui e ali, sobre o vestido preto da médium, principalmente do lado direito... A própria substância emana de todo o corpo da médium, mas especialmente dos orifícios naturais e das extremidades, do topo da cabeça, do peito e das pontas dos dedos. A origem mais comum, a mais facilmente observada, é a boca...

“A substância aparece de várias formas, por vezes como uma pasta dúctil, outras vezes como verdadeira massa protoplásmica ou em forma de numerosos fios muito finos ou de cordas de várias grossuras, ou, ainda, como raios estreitos e rígidos, como faixas largas, como uma membrana, como um material de lã, de linhas indefinidas e irregulares. A mais curiosa aparência é apresentada por uma membrana muito espichada, com franjas e dobras e com a aparência de um alçapão.

“A quantidade de matéria exteriorizada varia dentro de largos limites. Nalguns casos envolve completamente a médium num manto. Pode ter três cores diferentes: branco, preto e cinza. A cor branca é mais freqüente, talvez por ser mais facilmente observável. Por vezes as três cores aparecem simultaneamente. A visibilidade da substância varia muito e pouco a pouco pode crescer ou diminuir de intensidade. Dá várias impressões ao toque. Por vezes é fria e úmida; outras vezes viscosa e consistente; mais raramente seca e dura. A substância é móvel. Por vezes se move lentamente, para cima e para baixo, através do médium, nos ombros, no peito, nos joelhos, num movimento sinuoso de réptil. Outras vezes os movimentos são súbitos e rápidos. A substância

aparece e desaparece como relâmpago e é extraordinariamente sensitiva. É sensível à luz.”

Só nos foi possível dar uma parte da magistral análise descrita pelo Doutor Geley. Sua passagem final trata de um aspecto importante:

“Durante todo o fenômeno da materialização, o produto formado está em óbvia conexão fisiológica e psíquica com a médium. A conexão fisiológica por vezes é perceptível sob a forma de um fino cordão, ligando a estrutura à médium, o que pode ser comparado ao cordão umbilical, que liga o feto à mãe. Mesmo quando esse cordão não é visível, a relação fisiológica é sempre estreita. Cada impressão recebida através do ectoplasma reage sobre a médium e vice-versa. A sensação reflexa da estrutura coexiste com a da médium. Numa palavra, tudo prova que o ectoplasma é a parte exteriorizada da própria médium.”

Comparando as minúcias desta descrição com as que foram dadas à entrada deste capítulo, ver-se-á imediatamente quão numerosos são os pontos de semelhança. O ectoplasma sempre foi, fundamentalmente, a mesma coisa. Depois dessas afirmações não será o cepticismo, mas a pura ignorância que negará a existência desse estranho material.

Eva C. veio a Londres, como foi dito, e realizou trinta e oito sessões sob os auspícios da Sociedade de Pesquisas Psíquicas, mas o relatório^{xviii} é um documento muito contraditório e insatisfatório. O Doutor Schrenck Notzing pôde ainda demonstrar, através de um outro médium, a existência do ectoplasma, e os resultados corresponderam, de um modo geral, aos obtidos em Paris. Era um rapazinho de catorze anos, chamado Willie S. No caso de Willie, mostrou o Doutor Schrenck Notzing essa substância a uma centena de agudos observadores, nenhum dos quais foi capaz de negar a evidência de seus próprios sentidos. Entre os que assinaram uma declaração afirmativa estavam os professores ou ex-professores de Jena, Giessen, Heidelberg, Munique, Tübingen, Upsala, Friburgo, Basiléia e outras universidades, além de bom número de famosos físicos, neurologistas e cientistas de toda espécie.

Assim, não se pode dizer que haja dúvida quanto à sua existência. Contudo, não pode ser produzido por ordem nossa. É uma operação delicada, que pode falhar. Assim, vários experimentadores,

principalmente um pequeno grupo da Sorbonne, falhou. Aprendemos que são exigidas pessoas adequadas e condições apropriadas, e que estas mais mentais e espirituais do que químicas. Uma atmosfera harmoniosa favorece, ao passo que uma desafinada ou antagônica prejudicará ou inutilizará totalmente a sua manifestação. Nisto ele mostra as suas afinidades espirituais e que também difere dos produtos puramente físicos.

Que é ele? Ele toma forma. Quem determina essa forma? Será a mente do médium em transe? A mente dos observadores? Ou alguma outra mente independente? Entre os experimentadores temos uma escola material que insiste em que estamos encontrando uma extraordinária propriedade latente do corpo normal; temos uma outra escola, a qual pertence o autor, que acredita que estamos atingindo um elo que deve ser parte de uma cadeia que nos conduz a uma nova ordem de vida. Dever-se-ia acrescentar que nada de tudo isto foi desconhecido dos velhos alquimistas da Idade Média. Esse fato interessantíssimo foi trazido à luz por Mr. Foster Damon, da Universidade de Harvard, que publicou uma série de resumos dos trabalhos de Vaughan, filósofo que viveu pelas alturas de 1650, nos quais sob o nome de “Matéria-Prima”, ou de “Mercúrio” é descrita uma substância que possui todas as características do ectoplasma. Eram aqueles dias em que, entre a Igreja Católica de um lado, e os descobridores de feiticeiros dos Puritanos, do outro, os caminhos dos pesquisadores psíquicos se tornavam muito difíceis. Eis porque os químicos daqueles dias disfarçavam o seu saber sob nomes fantásticos, em consequência do que morreu aquele conhecimento.

Quando verificamos que pelo Sol significavam o operador, pela Lua o paciente, pelo Fogo, a força mesmérica ou magnética, e pelo Mercúrio o ectoplasma resultante, adquirimos a chave de alguns de seus segredos.

O autor tem visto com freqüência o ectoplasma em forma vaporosa, mas apenas uma vez solidificado.^{xix}

Foi numa sessão com Eva C., sob a direção de Madame Bisson.

Naquela ocasião essa estranha e variável substância apareceu como um pedaço de matéria de quinze centímetros, não muito diverso de um segmento de cordão umbilical, aderente às roupas na região inferior do

estômago. Era visível em boa luz e o autor teve licença de o examinar entre os dedos, quando lhe foi dada a impressão de substância viva, que se encolhia e pulsava sob o toque. Nessa ocasião não havia a menor possibilidade de fraude.

É impossível contemplar os fatos conhecidos acerca do ectoplasma sem ver como se apresentam na fotografia psíquica. As figuras fotografadas junto a Eva, com a sua vaporosa aparência de lã, são muitas vezes absolutamente como as fotografias obtidas por Mr. Hope e outros. A mais racional opinião parece ser que, uma vez formado, o ectoplasma pode ser modelado pelo pensamento e que esse pensamento, nos casos mais simples, será apenas a mente inconsciente do médium. Por vezes nós mesmos nos esquecemos de que somos Espíritos e de que um Espírito num corpo possivelmente tem poderes semelhantes ao de um Espírito fora do corpo. Nos casos mais complexos, e especialmente na fotografia psíquica, é demasiadamente claro que não é o espírito da médium que está operando, mas sim, alguma força mais poderosa e propositada que intervém.

Pessoalmente o autor é de opinião que muitas formas diferentes de plasma, com atividades diversas serão descobertas, tudo isto constituindo uma especial ciência no futuro, e que bem pode ser chamada Plasmologia. Pensa ele também que todos os fenômenos psíquicos externos ao médium, inclusive a clarividência, podem ser referidos a essa fonte.

Assim, o médium clarividente pode muito bem ser quem emite essa ou outra substância análoga, que constrói em redor dele uma atmosfera especial que possibilita que o Espírito se manifeste àqueles que têm poder de recepção. Assim como ao passar pela atmosfera da Terra um aerólito é visível por um momento entre duas eternidades de invisibilidade, também pode ser que o Espírito, ao passar pela atmosfera psíquica do médium de ectoplasma, pode por momentos indicar a sua presença. Tais especulações estão acima das provas atuais, mas Tyndall mostrou como tais hipóteses exploratórias podem tornar-se pontas de lança da verdade. A razão por que umas pessoas vêem um fantasma e outras não, talvez seja porque algumas forneçam bastante ectoplasma

para uma manifestação e outras não, enquanto a sensação de frio, o tremor e o subsequente desmaio, talvez sejam devidos não a um simples terror, mas parcialmente a uma súbita descarga de elementos psíquicos.

De lado essas especulações, o sólido conhecimento do ectoplasma, que já foi adquirido, dá-nos, finalmente, uma sólida base material para a pesquisa psíquica. Quando o Espírito desce à matéria, necessita dessa base material, sem o que lhe é impossível impressionar os nossos sentidos materiais. Já em 1891 Stainton Moses, pioneiro do psiquismo em seus dias, foi forçado a dizer:

“Não sei mais nada, a respeito do método ou métodos pelos quais são produzidas as formas materializadas, do que sabia quando as vi pela primeira vez”. Se ainda estivesse vivo, dificilmente diria isso agora.

Esse conhecimento novo e preciso teve a utilidade de nos dar uma explicação racional daquelas batidas, que foram os primeiros fenômenos a chamar a atenção. Seria prematuro dizer que elas só por uma maneira podem ser produzidas; mas, ao menos, pode-se dizer que o seu processo usual de produção é o da extensão de uma alavanca de ectoplasma, que pode ser visível ou não, e pela sua percussão nalgum objeto sólido. É provável que essas alavancas sejam os condutores de força e não forças propriamente ditas, do mesmo modo que um fio de cobre pode levar uma descarga elétrica, que desintegra um navio de guerra. Numa de suas admiráveis experiências, Crawford, verificando que as alavancas vinham do peito da médium, molhou a sua blusa com um líquido carmesim e depois pediu que batessem na parede fronteira. Então foi verificado que o muro estava com alguns pontos vermelhos, pois a projeção ectoplásmica havia carregado consigo a tinta através da qual havia passado. Do mesmo modo, quando autênticas, as batidas na mesa parecem devidas a uma acumulação de ectoplasma em sua superfície, retirada dos vários assistentes e depois utilizada pela inteligência que preside. Crawford admitia que as projeções por vezes deveriam possuir ventosas ou garras nas extremidades, de modo a mover ou levantar objetos; e o autor, posteriormente, obteve várias fotografias dessas formações, que mostram claramente que terminam com o topo plano, que se presta a tal objetivo.

Crawford deu grande importância à correspondência entre o peso do ectoplasma emitido e a perda de peso do médium. Suas experiências parecem mostrar que todos são médiuns; que cada um perde peso numa sessão de materialização, e que o médium principal apenas difere dos outros pela circunstância de poder desprender muito maior quantidade de ectoplasma. Se perguntarmos por que um ser humano terá que ser diferente de outro a esse respeito, chegamos à eterna controvérsia do por que este tem um ótimo ouvido para a música, enquanto aquele é uma negação. Devemos considerar esses atributos pessoais, tais quais os encontramos. Nas experiências de Crawford, habitualmente a médium perdia de 10 a 15 libras numa sessão – peso que se restaurava assim que o ectoplasma era reabsorvido.

Numa ocasião foi registrada a enorme perda de cinquenta e duas libras. Poder-se-ia pensar que as balanças então estivessem descalibradas, se se não tivessem registrado perdas ainda maiores, com outros médiuns, como foi o caso descrito nas experiências de Olcott com os Eddys.

Há outras propriedades das projeções ectoplásmicas que deveriam ser notadas. Não só a luz lhes é destrutiva, a menos que sejam gradativamente alimentadas e especialmente preparadas com antecedência pelos guias, mas o efeito de um súbito jato de luz faz a substância recuar para o médium, com a força de um elástico. Isto não é absolutamente uma alegação falsa, visando proteger o médium contra uma surpresa: é um fato certo, que tem sido verificado por muitos observadores. Qualquer esperteza com ectoplasma, a menos que se tenha certeza de que haja fraude na sua produção, deve ser evitada, e agarrar à força uma trombeta ou qualquer outro objeto sustentado pelas alavancas ectoplásmicas é quase tão perigoso quanto a sua exposição à luz. O autor se lembra de um caso onde um assistente ignorante arrancou a trombeta, que flutuava no ar, à sua frente, dentro do círculo. Fê-lo em silêncio; ninguém sofreu com isto senão o médium, que se queixou de dores e prostrou-se durante alguns dias. Outro médium sentiu uma irritação superficial, do peito ao ombro, causada pela retração da faixa ectoplásmica, quando um pretense investigador acendeu uma lanterna

elétrica. Quando o ectoplasma se retrai sobre uma superfície mucosa, pode determinar uma forte hemorragia, como tem notícia o autor de numerosos casos semelhantes. Num deles, o de Susanna Harris, em Melbourne, a médium ficou de cama uma semana depois de tal experiência.

É impossível, num simples capítulo de um trabalho que cobre tão vasto assunto, dar pontos de vista minuciosos de uma seção desse assunto, que se pode desenvolver num volume. Nosso conhecimento dessa substância enganadora, protéica, onímota, aumenta de ano para ano e pode profetizar-se que se a última geração se preocupou com o protoplasma, a futura geração será aumentada com o seu equivalente psíquico que, assim o esperamos, reterá o nome de ectoplasma, dado por Charles Richet, embora vários outros vocábulos, como plasma, teleplasma e ideoplasma infelizmente tenham entrado em circulação.

Depois que este capítulo foi escrito, novas demonstrações do ectoplasma foram realizadas em diversas partes do mundo. A mais notável, entretanto, foi a de “Margery” ou de Mrs. Crandon, de Boston, cujos dons foram tratados no livro de Mr. Malcolm Bird, que traz aquele nome.

-
- i “Essays from the Unseen”.
 - ii “Materialized Aparitions”, página 106.
 - iii “Beginnings of Seership”, página 55.
 - iv “Shadow Land”, página 229.
 - v “The Spiritualist”, 1873, página 83.
 - vi “Shadow Land”, by E. d’Esperance (1887), páginas 254 e 255.
 - vii “Life and Experience”, página 58.
 - viii “Annals of Psychical Science”, Volume 2º, página 305.
 - ix 1873, páginas 82 e 83.
 - x “Aparições Materializadas”. - (N. T.)
 - xi “Annals of Psychical Science”, Volume 2º página 273.

-
- xii “Annals of Psychical Science, Volume 2º, página 288.
- xiii “Thirty Years of Psychical Research” página 508.
- xiv Luvas semelhantes acham-se no Psychic College, 595 Holland Park, W. ou no Psychic Museum, Abbey House, Victoria Street, Westminster.
- xv “A Realidade dos Fenômenos Psíquicos” (1917); “Experiências em Ciência Psíquica” (1919) e “As Estruturas Psíquicas no Grupo Goligher”, em 1921. – (N. T.)
- xvi “The Reality of Psychic Phenomena”, página 243.
- xvii “The Psychic Structures at the Goligher Circle”, página 19.
- xviii *Society for Psychical Research Proceedings*, volume 32º, páginas. 209 e 343.
- xix Salvo os numerosos casos de materializações ocasionais de mãos e de rostos.